

A ALEGRIA DO DOM DO MOMENTO PRESENTE



**Cardeal François Xavier
Nguyễn Văn Thuan**

Cardeal François Xavier Nguyễn Van Thuan

A ALEGRIA DO DOM DO MOMENTO PRESENTE

O cardeal foi presidente do Pontifício Conselho de Justiça e Paz. Faleceu em Roma, no dia 16 de setembro de 2002, depois de sofrer uma dolorosa enfermidade. Estas meditações foram pregadas nos exercícios espirituais que ele dirigiu aos membros do centro pastoral Logos, em fevereiro de 2002.

Fonte
[academia.edu](#)

DESCUBRAM A ALEGRIA DA ESPERANÇA

Quadros de texto:

Decidi viver o momento presente preenchendo-o de amor.

Se vivermos bem cada minuto, teremos uma vida santa.

No mundo em que vivemos temos sempre muitas coisas para fazer e muito pouco tempo para refletir: a televisão, o fax, o telefone... estão continuamente a distrair-nos. Temos de recorrer aos textos dos Santos Padres, pois eles, talvez no seu tempo, tivessem mais contacto com Deus do que nós.

Gostaria de meditar brevemente convosco sobre a alegria do momento presente. Creio que é conveniente procurar algo simples para a nossa santidade. Na nossa vida de batizados possuímos um tesouro muito grande e importante que talvez não saibamos aproveitar: o momento presente.

Todos o temos e, à medida que avançamos na vida e aprofundamos a nossa vida espiritual, percebemos cada vez mais claramente a importância do momento presente. É um elemento importantíssimo para a vida espiritual, não apenas para os católicos, mas também para os fiéis de outras religiões, sejam budistas, sejam muçulmanos.

Os budistas dizem que certa vez perguntaram a Buda por que motivo os seus discípulos faziam apenas uma refeição por dia e permaneciam felizes. Buda respondeu: porque não pensam no passado, pois já passou, nem pensam no futuro, porque o futuro ainda está por chegar; preocupam-se apenas com o momento presente e, por isso, estão contentes com uma só refeição por dia.

No livro de orações dos muçulmanos está escrito: quando é noite não esperes pela manhã, e quando é manhã não esperes pela noite.

Quero contar-vos a minha experiência pessoal: quando era jovem, impressionou-me muito aquilo que Santa Teresa do Menino Jesus dizia

sobre o momento presente; contudo, na minha vida prática, isso não era ainda uma experiência profunda.

Na noite da Assunção de 1975 fui preso no palácio presidencial e levaram-me para uma paróquia perto das montanhas, a 15 km da minha diocese. Eu estava num carro com dois polícias; éramos precedidos por um tanque e seguidos por outro carro com soldados. Tinha apenas a batina, algumas cartas e o terço.

Percebi então que já não tinha escolha. Lembrei-me de um bispo americano que tinha sido preso na China; quando foi libertado, já não conseguia caminhar. Ao chegar aos Estados Unidos, a primeira coisa que disse quando foi entrevistado foi que tinha passado todo o tempo à espera.

É isto que acontece com a maioria dos prisioneiros. Na prisão todos passam o tempo à espera da libertação. Disse então a mim mesmo, naquele momento, que era uma ilusão pensar que poderia voltar a Roma para realizar um trabalho importante, porque o mais provável, nas condições em que me encontrava, era a morte.

Foi então que decidi viver o momento presente, preenchendo-o de amor.

Na prática, realizar esta determinação não foi tão fácil. Quando chegámos, havia polícias por toda a parte, e tudo tinha sido queimado e confiscado; não havia bíblias nem textos espirituais. As freiras foram expulsas dos conventos e enviadas para os campos a trabalhar.

Esta situação atormentava-me profundamente. Uma noite pensei em escrever cartas, como fazia São Paulo quando estava preso. Na manhã seguinte pedi a uma criança que dissesse à sua mãe para me trazer, à noite, algumas folhas de um calendário velho. Foi assim que comecei a escrever de noite, à luz de uma lamparina e atormentado pelos mosquitos. De manhã entregava as cartas à criança, dizendo-lhe que as levasse às suas irmãs e que elas as copiassem e guardassem.

No dia 18 de março, vigília de São José, fui preso de novo e colocado em isolamento. Mas aquilo que eu tinha escrito foi publicado sem que eu o soubesse. O título do livro é *O Caminho da Esperança*. Dois anos depois,

como me encontrava em péssimas condições, colocaram-me em prisão domiciliária no Vietname do Norte, numa região onde não havia pároco há mais de dez anos e a população era pouco praticante. No início, a pessoa que me vigiava era muito rude, mas pouco a pouco começou a simpatizar comigo e acabou por me ajudar.

Comecei novamente a escrever, clandestinamente, e os meus escritos foram publicados com o nome *O Caminho da Esperança à luz da Palavra de Deus e do Concílio*. Depois escrevi um livro publicado em francês e em espanhol chamado *Os Peregrinos do Caminho da Esperança*.

No final, o polícia que me vigiava mostrou-se muito solidário comigo. Chegava mesmo a comprar papel para que eu pudesse escrever e, quando via pessoas vindas do sul, deixava que elas me visitassem durante a noite. Assim lhe confiei os rascunhos do meu livro, que, escondidos nas calças, foram levados para o Vietname do Sul e publicados clandestinamente. Foram de grande ajuda, especialmente para os consagrados, nos anos da perseguição.

Quando o governo tomou conhecimento dos meus livros, ordenou aos bispos que queimassem tudo. Acabou por ser uma grande propaganda, porque provocou um aumento considerável nas vendas.

Quando li a vida de Santo Inácio, pedi ao Senhor uma graça semelhante àquela que tinha ajudado tanto o santo e que ele recebeu ao ler alguns livros como *A Imitação de Cristo*, quando estava ferido no hospital; *A Vida de Jesus*, que pode ser comparada com *A Esperança Não Defrauda*, porque nela se encontra a Palavra de Deus; e *A Vida dos Santos*, semelhante a *Os Peregrinos do Caminho da Esperança*, no qual se encontram mais de trezentos testemunhos que podem ser utilizados nas homilias e na catequese.

Os três livros que citei ajudaram muito na conversão de Santo Inácio, depois da qual ele foi para Montserrat fazer um longo retiro e escrever os *Exercícios Espirituais*. Eu não tinha pensado em escrever os *Exercícios Espirituais* quando estava prisioneiro, mas depois o Papa pediu-me que os escrevesse. Um pouco à semelhança de Santo Inácio em Montserrat, também eu tive momentos de desespero, de luta e de alegria.

Devemos perguntar-nos se é possível ser sacerdotes santos no momento presente. Só vivendo o momento presente podemos cumprir bem os deveres de cada dia. Se todos fizéssemos isso, nos diversos campos de trabalho, o mundo inteiro seria transfigurado.

Vivendo o momento presente, as cruzes tornam-se suportáveis; vivendo o momento presente, podemos captar as luzes de Deus e os impulsos da graça; é a melhor forma de construir frutuosamente a nossa santidade.

Jesus pediu-nos que vivêssemos bem cada minuto, porque santo é o fiel nas coisas pequenas: *in modico fidelis*. Jesus disse: “Eu faço sempre o que agrada ao Pai”. Isto é o presente. Jesus aconselhou-nos também a orar sempre: *orate semper*. É necessário viver o amor no presente, com Deus e com todos. Podemos fazer muitas coisas: pregar bem, ensinar bem, construir bem; mas é difícil fazer tudo bem ao mesmo tempo. Só conseguiremos isso com a santidade. Fazer a vontade de Deus é o ato mais inteligente e o que produz mais frutos. O homem realiza-se na comunhão com Deus, dizendo “sim” em todos os momentos da vida, como resposta ao “sim” que Deus pronunciou quando nos criou por amor.

O homem encontra a sua felicidade no relacionamento com Deus. A sabedoria consiste em passar o tempo que temos cumprindo perfeitamente a vontade de Deus; e, para fazer isso, é necessária vontade, decisão e, acima de tudo, uma confiança muito grande em Deus, quase heroica. Se eu não posso fazer nada numa determinada circunstância, ou por uma pessoa querida ou doente, posso ao menos fazer aquilo que se espera de mim neste momento: estudar bem, lavar bem, cuidar bem dos meus filhos.

Vivendo bem o momento presente, cumpre-se o que São Paulo disse: *vivit in me Christus*. E também: “Tudo posso naquele que me fortalece”. O ascetismo também consiste em viver o presente. Nem sempre é fácil agradar a Deus; não é fácil sorrir para todos em cada instante, não é fácil amar a todos em cada momento; mas, se formos sempre amor no presente, sem nos apercebermos tornar-nos-emos nada para nós mesmos e afirmaremos a supremacia de Deus. Basta viver no amor. Os deveres de cada instante, sob a sua aparência humilde, escondem a verdade da vontade divina. São como que os sacramentos do momento presente.

Quando eu estava preso, pensava muito na santidade e convenci-me de que não tinha de fazer mais nada senão viver o momento presente, porque a nossa vida é composta de milhões de minutos. Para traçar uma linha reta é preciso fazer milhões de pontos; se fizermos bem cada ponto, eles formarão uma boa linha reta. A nossa vida é feita de milhões de minutos; se vivermos bem cada minuto, teremos uma vida santa. Não se pode ser santo apenas de vez em quando, assim como não se pode viver respirando apenas de vez em quando; é preciso respirar sempre.

Para terminar, quero recordar as palavras de Santa Teresa do Menino Jesus e da Madre Teresa de Calcutá.

Santa Teresa do Menino Jesus dizia: “Eu só tenho olhos para amar”. Escreveu também que devemos aproveitar o único momento que temos para sofrer e olhar apenas para o instante que passa, porque cada instante é um tesouro e, para amar a Deus nesta terra, não existe outra coisa senão o hoje.

Santa Teresa dizia que o sofrimento pode ser suportado minuto a minuto, porque se pensa apenas na dor que se sente no presente; ao passo que, se pensamos no passado ou no futuro, perdemos a força. Sofrer apenas no instante presente não é tão difícil.

A Madre Teresa de Calcutá escreveu-me uma carta na qual dizia, entre outras coisas, que o importante não é o número das nossas atividades, mas o amor que colocamos em cada ato. Creio que, especialmente para nós que temos sempre mil coisas para fazer, viver o momento presente nos ajudará muito a dar fruto abundante.

Pelo Reino de Cristo à Glória de Deus!